



CLASSIC MEETS AFRICA – FESTIVAL PELA INTERCULTURALIDADE

“A CULTURA DE TODOS PARA TODOS”



Índice

Introdução	3
Classic meets Africa	4
As relações Europa-África	6
Cultura	7
Música Clássica e os ritmos Africanos	8
O desenvolvimento da sociedade.....	9
Análise do projeto Classic meets Africa	10
O poder do discurso.....	11
Conclusão.....	12
Anexo I - Xinganje & Kaviula	13
Anexo II - Allatantou Associação Cultural	15
Anexo III - Orquestra Juvenil da Bonjónia.....	16
Anexo IV – imagens do concerto	17
Bibliografia	18
Bibliografia de imagens.....	19



Índice de Imagens

Ilustração I Xinganje & Kaviula	13
Ilustração II Ana Maria pinto.....	14
Ilustração III Zé Beato	14
Ilustração IV Percursionista com instrumento africano.....	17
Ilustração V Dança da Diáspora Africana	17
Ilustração VI Orquestra Juvenil Da Bonjoia.....	17
Ilustração VII Allatantou Dance Company	17
Ilustração VIII Duo Xinganje & Kaviula	17
Ilustração IX Máscara Tradicional Africana.....	17



Introdução

Este trabalho foi desenvolvido no âmbito da unidade curricular de Estudos Interculturais. Consiste na análise de um projeto intercultural, escolhido por mim, de acordo com alguns conceitos abordados nesta disciplina.

No passado dia 17 de Janeiro, no Auditório Municipal de Gondomar, tive oportunidade de assistir nesta localidade a um concerto denominado *Classic meets Africa*, que consiste num festival pela interculturalidade. A sua primeira apresentação decorreu no Auditório Municipal de Gaia, dia 12 de Dezembro de 2015.

O concerto foi aberto pela orquestra Juvenil da Bonjóia, ao som de violinos, violas, violoncelos, flautas transversais, saxofones, clarinetes, trompetes, piano e percussão. Seguidamente, entrou em palco a companhia de dança Allatantou, que ao som do *djambé* e de outros instrumentos de percussão tradicionais africanos, exibiram algumas danças africanas. As cortinas fecharam e dois microfones foram colocados, Ana Maria Pinto e Zé Beato, os dois elementos do grupo *Xinganje & Kaviula*, começaram a interpretar com a alma as suas canções.¹ O espetáculo culminou com a junção da música clássica aos ritmos e as danças africanas.

Enquanto espectadora posso dizer que é impossível ficar indiferente à energia que este festival gera em palco. Neste sentido, procurei fazer uma análise de toda a interculturalidade envolvente num projeto diferente e quase impensável de juntar duas culturas tão díspares.

¹ O título das músicas não foi referido, visto não ter obtido autorização dos compositores.

Classic meets Africa

O festival “Classic meets Africa” é um projeto que liga a Música Clássica e as Danças da diáspora Africana. Desta forma, interliga artistas de culturas afastadas e proporciona um enorme enriquecimento cultural.

Este projeto visa a angariação de fundos para a Orquestra Juvenil Bonjóia (Portugal) e do Centro Comunitário Okutiuka (Angola), de forma a desenvolver projetos musicais em Portugal que visem a criação de companhias de dança e respetivos *ateliers* artísticos em locais de pobreza em África.

Os seus alicerces são a interculturalidade e a inclusão social. O primeiro concerto juntou no palco a orquestra Juvenil Bonjóia, Lusitanae Emsemble, a Companhia de Dança Allatantou e o duo musical *Xinganje & Kaviula*.

O concerto divide-se em três partes. A primeira parte é composta por música clássica, a segunda por danças da diáspora africana e a terceira é a junção das duas correntes culturais com a peça “A dança de *Xinganje & Kaviula*” para Orquestra, Grupos de Capoeira e Ensemble vocal.

O projeto “Classic meets Africa” também tem como intuito a realização de debates sobre a essência da música clássica e respetivos artistas na vida e na sociedade, também, o incentivo à redescoberta das heranças culturais africanas e documentação de cânticos e textos passados via tradição oral.

Os seus promotores:²

Ana Maria Pinto (Soprano e compositora), bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian (3 anos) e da Fundação Walter Kaminsky (Munique), para além da sua actividade nos principais palcos nacionais (tendo estudado e vivido 7 anos em Berlim, destaca-se a sua participação no filme *Casanova Variations* onde contracenou com John Malkovich e cantou com o tenor mais aclamado da actualidade, Jonas Kaufman), é criadora do Método Azul que usa os elementos da natureza como instrumentos para a aprendizagem musical. É também criadora do projecto “Clube dos poetas em flor” (um projecto a ter lugar no Ateneu Comercial do Porto) que serve de plataforma entre jovens poetas e compositores e de núcleo para o desenvolvimento da criatividade. Forma com Zé Beato, o duo musical *Xinganje & Kaviula*.

Joana Peres é a presidente da Allatantou Associação Cultural, uma plataforma de intervenção social através de manifestações culturais e artísticas. Promove atividades para todas as idades, contemplando as artes performativas, visuais e práticas para um estilo de vida saudável. De forma a atingir os objectivos propostos, a associação organiza eventos culturais e sociais como encontros, mostras, exposições, concertos, mas também de aprendizagem e formação como oficinas, conferências, simpósios e outros. São preocupações da Allatantou Associação Cultural as defesas dos direitos humanos e minorias étnicas e sociais, o estudo de culturas e tradições com uma componente interventiva de solidariedade.

² Retirado do PPL: <http://ppl.com.pt/pt/prj/classic-meets-africa>



Eliseu Silva é violinista de carreira internacional, doutorando em performance, docente na ESMAE e no Curso de Música Silva Monteiro.

É também Maestro de um projeto de orquestra do Curso de Musica Silva Monteiro em parceria com a Câmara Municipal do Porto, o Porto Social, o Banco BPI e os Laboratórios Bial, detramites e moldes únicos em todo o país, denominada Orquestra Juvenil da Bonjoia, em articulação com o ensino publico.

Zé Beato, co-fundador do Festival de Rock do Huambo, Odley. A sua mãe musical é o Semba, mas o pai da Arte de Yvanov foi a guerra em Angola. O seu tema “O Guerrilheiro da Calçada” é uma das músicas mais tocadas nos táxis da capital. Yvanov Guardado é um milagre musical dos musseques do Huambo e dos bares de Benguela.

Miguel Gullander, leitor do Instituto Camoes, sendo luso-escandinavo de ascendência. Tem trabalhado em África desde que saí da Suécia em 2001. Já viveu em Cabo-Verde, Moçambique, Angola, Africa do Sul e, faz dois anos, Namibia. É co-fundador do festival musical brasileiro africano, Back2Black. Licenciado em Letras (Nova), em Linguística (Portsmouth), Mestre em Pedagogia para o Desenvolvimento (Estocolmo) e Doutorando em Literatura (Pretoria).Tem os seguintes trabalhos publicados:Através da Chuva, Perdido de Volta, Idem, Balada do Marinheiro-de-Estrada, Kalunga.



As relações Europa-África

O estudo das relações entre a Europa e a África mostra que o europeu prevaleceu sempre sobre o africano. Durante o período colonial, esta relação nunca foi entre iguais e, atualmente, a situação não é muito diferente.

É à História, nomeadamente, no movimento expansionista europeu, que se dá origem a esta suposta primazia da Europa face ao continente africano, considerando-o como um vazio, repleto de ignorância, miséria e selvajaria.

A Europa chega a África aos poucos. Antes da invasão europeia, estes dois continentes já tinham uma relação de longos séculos, estritamente comerciais.

Os europeus ofereciam o que tinham em troca dos artigos africanos, que iam desde o marfim até artefactos.

A primeira expansão europeia levou a que os europeus começassem a adentrar o continente africano e olhassem para ele como uma reserva de mão-de-obra escrava, levando o povo negro à desmotivação e à subjugação.

A História conta que toda esta supremacia da Europa gerou o preconceito face aos africanos, passando a mensagem deste atraso económico como uma inferioridade genética desse povo.

Até ao final do século XIX, os portugueses dominaram Angola e Moçambique, no entanto, foram incapazes de promover o seu desenvolvimento económico.

Cultura

A cultura é o conjunto de manifestações sociais, linguísticas, comportamentais e artísticas de uma civilização.

É parte do que somos e, de forma a compreendermos a complexidade deste conceito devemos ter em conta diversos aspetos.

A palavra cultura pode ser inserida em diversos contextos. O significado mais simples afirma que a cultura é tudo aquilo produzido pela humanidade. Tanto no plano concreto como no plano imaterial, desde objetos a ideias e crenças.

A cultura é também todo o complexo de conhecimentos e todo o comportamento aprendido, de modo independente da questão biológica. Não é estática e, desta forma, está em constante mudança e conseqüentemente, formam-se novas identidades culturais.

Cultura erudita/ cultura popular

A partir do século XVI, sendo uma época marcada pelo reconhecimento de distinção entre grupos sociais, estabeleceu-se uma distinção entre “cultura erudita” e “cultura popular”, traduzindo os gostos e consumos culturais de cada estrato social.

A cultura Erudita

Em oposição à arte popular encontramos uma cultura erudita, cultivada e própria de grupos sociais dominantes.

Entre o século XVI e o século XVIII prevaleceu a ideia de que a cultura funcionava de forma descendente, isto é, das elites para o povo.

Após a segunda guerra mundial, a situação começou a alterar-se. As diferenças no usufruto das artes passaram a ser feitas em função de grupos culturais, sem coincidirem, necessariamente, com grupos sociais.

Este acontecimento deu-se devido à procura na natureza hermética das propostas estéticas das novas correntes artísticas.

Cultura Popular

O conceito de cultura popular retrata uma cultura produzida pelo povo, influenciada pelas suas crenças e é formada graças ao contacto entre indivíduos de certas regiões.

A cultura popular surge em múltiplas manifestações, como a arte, o teatro, o folclore, a música, entre outras.

Na atualidade, a noção de cultura popular deve ser tida em conta face a dois significados possíveis:

- ❖ A cultura popular enquanto “folclore” é uma cultura regional, tradicional, cujas manifestações são produzidas pela comunidade e para a comunidade, sem fins lucrativos.

- ❖ Já a cultura popular enquanto “cultura de massas” é uma cultura globalizada cujas manifestações são produzidas por empresas/industrias visando a obtenção de lucro; ligada ao consumo supérfluo e, é independente da participação da comunidade (consumidor).



Música Clássica e os ritmos Africanos

A música clássica, também conhecida como música erudita é enraizada nas tradições da música secular e litúrgica ocidental que abrange, aproximadamente, o século IX até ao presente.

É fruto da erudição, onde exige muito estudo teórico, tem muita matemática e há uma marcação do tempo que deve ser pensado.

Na sociedade era vista como representante da sociedade refinada. A tradicional perceção tem por base a ideia de que classes mais abastadas tinham acesso e apreciavam a música clássica ou, até mesmo, podemos dizer que a música clássica, em tempos, representava a sociedade de classe alta.

Atualmente esta estrutura de pensamento tem vindo a alterar pois diversos músicos clássicos atuais têm origem na classe média e os que apreciam este género não pertencem necessariamente às classes mais altas.

Em contraste temos a música africana, mais espontânea, sentida, e livre.

Sendo um país com um passado oprimido a sua música nunca foi muito valorizada. Atualmente, a música Africana tem ganho maior destaque no mercado, principalmente o *Kizomba*.

O desenvolvimento da sociedade

A interculturalidade é a defesa do diálogo entre as culturas com o intuito de fazer entender que não há culturas melhores ou piores, apenas diferentes, cada uma rica e especial.

A complexidade e a multiplicidade são fenómenos atuais, onde a globalização, a migração e a tentativa de hegemonia são uma realidade.

A interculturalidade visa a integração de grupos no todo social, educação democrática, a transnacionalidade da mesma e a superação dos hermetismos sociais do Estado-Nação, bem como a oposição à supremacia de culturas sobre outras.

No mundo atual já é há muito possível reconhecer a existência de novas identidades que se deslocam além-fronteiras. Para tal contribuíram quatro fatores:

- ❖ A transnacionalização da vida económica e cultural;
- ❖ A globalização;
- ❖ A migração, emigração, imigração e
- ❖ A diáspora:

Neste trabalho darei destaque à diáspora africana, pela sua importância e relevo.

Diáspora Africana

A diáspora Africana é o nome que se dá ao fenómeno sociocultural que ocorreu nos países africanos devido à imigração forçada da população a países que tinham como características a existência da mão-de-obra escrava.

Teve início na Idade Moderna e prolongou-se até ao século XVIII.

Os negros quando chegavam ao território onde seriam escravos, estavam completamente destituídos das suas identidades.

É importante referir que a cultura Africana considera familiares mesmo que sejam de graus de parentesco afastados. Desta forma, favorecia a união dos escravos e possivelmente as rebeliões que ocorriam contra a forma como viviam.

Esta diáspora levou a que os escravos levassem para outros países a sua cultura. O samba e a capoeira são exemplos da influência africana na música brasileira que permanecem até os dias atuais.

Hoje, o país que possui a maior quantidade de negros está localizado na América do Norte, devido à mão-de-obra escrava que era utilizada nas plantações de açúcar, principalmente no Caribe.

Na Europa o país que mais negros possui na sua população é a França, seguido da Itália.

Na América do Sul é de salientar a Guiana Francesa e, seguidamente, Suriname e Guiana.

Em suma, podemos constatar que os países com mais população negra são aqueles que possuíram na sua história a escravidão. E, dá que pensar o facto de os negros que um dia chegaram para serem escravos são, atualmente, os descendentes desses países.

Análise do projeto Classic meets Africa

No projeto “*Classic meets Africa*” encontramos a junção de duas culturas: a Europeia e a Africana.

A Europa é um continente que agrega diversos países e disfruta de uma enorme diversidade de idiomas e culturas. Mas, apesar das suas diferenças, possui também várias semelhanças e uma delas é seu passado que conta a superioridade que faziam ter face à cultura Africana.

A história Africana foi escrita pelos colonizadores europeus que os usavam para a escravidão colonial, usurpando todos os seus direitos.

Atualmente, com a independência dos países africanos, essa imagem tem vindo a desvanecer e há uma maior aceitação para com esta cultura diferente.

Considerados pelos europeus como povos animistas, os africanos reverenciam os espíritos das árvores, da mãe natureza, e aceitam a coexistência com forças desconhecidas.

Neste projeto a cultura africana é caracterizada pelas suas danças e músicas tradicionais africanas executadas pela companhia *Allatantou*³, marcadas pelos movimentos corporais bem acentuados das dançarinas ao som de ritmos produzidos em instrumentos, tradicionalmente, em madeira e pele. Também pela máscara africana⁴ que são utilizados em cerimónias e rituais.

Em contraste com esta cultura popular tocava a orquestra e o piano. Representando a cultura erudita da Europa.

Como expectadora do concerto, enquanto admirava toda a interculturalidade presente naquele palco, não pude deixar de dar importância a um comentário que a Soprano Ana Maria Pinto proferiu enquanto apresentava o grupo *Xinganje & Kaviula*⁵, constituído por ela própria e pelo músico angolano, Zé Beato. A soprano apresentou-se como uma cantora lírica e referiu a sua indumentária, vestida a rigor e de sapato salto alto, bem brilhante até, “como uma verdadeira cantora de ópera” já o músico angolano estava descalço em palco, pois, assim, sentia a proximidade com a natureza e a liberdade, característica da cultura do seu país.

A construção social de identidade é a atribuição de significado e expectativas por parte da sociedade e relaciona-se com o código comportamental de cada cultura. Neste contexto, os músicos apresentaram-se como o público esperava.

Quando se vai para um concerto clássico espera-se ver os músicos vestidos a rigor, a brilhar no palco e foi exactamente dessa forma que a Ana Maria Pinto se comportou, representando a elegância da ópera.

Já o músico Zé Beato manteve-se fiel às suas origens. Descalço, em ligação com a terra, representando a liberdade e a simplicidade inerentes na cultura do seu país.

A interculturalidade deste festival permitiu criar harmonia entre duas culturas diferentes que, numa primeira impressão parecem nem combinar. Contudo, provaram que desde que se olhe para o outro num patamar de igualdade, o Homem é capaz de criar arte e de se superar.

³ Biografia do grupo em anexo II

⁴ Possível ver na fotografia presente no anexo IV

⁵ Biografia do grupo e dos músicos em anexo I



O poder do discurso

O discurso é uma estrutura narrativa simples e móvel que se baseia nas histórias e nos textos que circulam numa cultura através da literatura, dos média, de mitos, provérbios, entre outros exemplos.

Ao encararmos a cultura enquanto “produção e circulação de significados”, então é na cultura que o poder e os seus discursos podem ser contestados e modificados.

O discurso presente neste projeto está subentendido. Ele é proferido através de uma língua universal que é a música assim como, também, pelas letras das músicas. Um exemplo disto foi a execução da peça final do concerto onde foi pedido ao público para cantar com os músicos a frase: “we came from the stars. From the stars in the skys of Africa”.

Tendo o “Classic meets Africa” o intuito de despertar as pessoas para a culturalidade no mundo e abrir as suas mentes, desta forma, o concerto termina por cumprir com os seus objetivos, atraindo os espectadores para a interculturalidade e para a riqueza de um país subestimado.

O seu discurso tem o poder de alterar as estruturas de pensamento atuais que desvalorizam um país, que durante longos anos foi inferiorizado.



Conclusão

A realização deste trabalho permitiu colocar em prática os conhecimentos adquiridos nesta unidade curricular.

A sociedade avança para uma crescente diversidade cultural que no passado era difícil de aceitar. Hoje a interculturalidade é vital.

Este trabalho despertou-me para a cultura africana. Uma cultura que apesar da evolução dos tempos e da sua história manteve sempre as suas raízes. Durante muito tempo foi ignorada e olhada como insignificante por parte da Europa quando, na verdade, a Europa também tem muito a aprender com África.

Hoje a interculturalidade é vital, é a perfeita metáfora do movimento da vida, harmoniosa e inteira

Anexo I - Xinganje & Kaviula

É um duo musical formado na Namíbia, em Maio de 2015, que junta uma cantora lírica com um músico angolano. Apesar de raízes culturais totalmente díspares, a clássica e a africana, respetivamente.



ILUSTRAÇÃO | XINGANJE & KAVIULA

Ana Maria Pinto

Soprano e compositora

Ana Maria Pinto é natural do Porto, iniciou os seus estudos de canto no Conservatório de Música do Porto com a instrução de Palmira Troufa.

Em 2001 ingressou na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo (ESMAE), na classe de Rui Taveira.

Posteriormente, finalizou o seu mestrado em ópera pela Universidade das Artes de Berlim, onde viveu 7 anos. Foi bolsreira da Fundação Walter-Kaminsky (Munique) e da Fundação Calouste Gulbenkian.

Do seu repertório destacam-se os papéis de Susanna (As bodas de Fígaro), Elle (La voix humaine), Blanche de La Force (Dialogues des Carmélites), Musetta (La bohème), Micaela (Carmen), Kumudha (A Flowering Tree, de John Adams, na Fundação Gulbenkian), além da Missa de Nelson de J. Haydn, Um Requiem Alemão de Brahms, Lobgesang de Mendelssohn, Requiem de Dvorák, Shéhérazade de Ravel, 4ª Sinfonia de Mahler, O Abismo e o Silêncio e Shyr de João Pedro Oliveira.

É de salientar que colaborou com os maestros Cesário Costa, Marc Tardue, Pedro Neves, Ferreira Lobo, Fernando Eldoro, Errico Fresis, Lutz Köhler, Lawrence Foster, Joana Carneiro e Michel Corboz. Realizou diversos recitais líricos em Portugal, Espanha e Alemanha, com os pianistas Cristóvão Luiz, David Santos e Ángel González.

Em Agosto de 2009 gravou canções de Fernando Lopes Graça e de Viana da Motta com o pianista Nuno Vieira de Almeida.

Estreou os seus dois ciclos de canções dedicados a Jorge de Sena, “Coroa da Terra” e “As Evidências” em Outubro de 2014. Interpretou o papel de Cecilia no filme “Casanova Variations”, (estreia em Novembro de 2014), onde contracenou com John Malkovich e cantou com Jonas Kaufmann.

Em Maio de 2015 estreou a sua peça “A balada do marinheiro-de-estrada, melodrama para soprano ao piano e djambé”, em Winhoek (Namíbia) em que a própria canta e recita o texto acompanhando-se ao piano e ao djambé.

É a co-criadora do projecto “Classic meets Africa” (primeiro concerto a decorrer em Dezembro de 2015) e do Método Azul, uma educação musical que visa a fomentação da criatividade e da consciência ambiental.



ILUSTRAÇÃO II ANA MARIA PINTO

Zé Beato

Zé Beato nasceu no Huambo, Angola e cresceu entre Benguela e Lobito. Começou a cantar aos 13 anos e aos 17 começou a aprender a tocar guitarra.

Tem tocado nos mais diversos palcos e contextos em Angola, Namíbia e Portugal.

Em 2009 fundou o Festival de Rock do Huambo, atualmente, ORLEI, juntamente com Wilker Flores e Sónia Ferreira, dando início a um movimento cultural que hoje possui grande influência no povo angolano. Em 2014 e 2015 foi músico convidado pelo Instituto Camões na Namíbia a atuar nas festividades da Língua Portuguesa. Esteve a solo no ORLEI de 2011, no Huambo e nas edições seguintes acompanhado pela sua banda "Os Desempregados", com os músicos "Gavião, Costinha, O Toque é Esse, Bona Ska e Rattu Imortal, e nos festivais Avalanche Rock/Metal, Rock no Rio Catumbela 1ª e 2ª edição, Festival Rockultura.

Em 2014 lançou de forma independente o seu primeiro álbum de originais, um álbum acústico intitulado “CRU”. Em 2015 esteve no salão nobre do conservatório de Lisboa, com Ana Maria Pinto, João Luís e Joana Peres pelo *Le Foyer*, apresentando o projecto "Meet Xinganje & Kaviula". É co-fundador do Festival Classic Meets Africa.



ILUSTRAÇÃO III ZÉ BEATO



Anexo II - Allatantou Associação Cultural⁶

A Allatantou é uma associação cultural sem fins lucrativos, que tem como objetivos a intervenção social, divulgação cultural e de tradições. Promovemos projetos sociais, encontros, espetáculos, oficinas e conferências, desenvolvendo laços e intercâmbio entre culturas, contribuindo para a melhoria das regiões e populações desfavorecidas.

A associação tem com fim intervenção social assim como a divulgação cultural e de conhecimento através de actividades artísticas e culturais, contemplando as artes performativas, visuais e do espectáculo.

De forma a atingir os objectivos propostos pretendemos organizar eventos culturais como encontros, mostras, exposições, concertos, mas também de aprendizagem como oficinas, conferências, simpósios e outros.

Estes eventos vão criar uma ponte entre diferentes culturas promovendo o intercâmbio e cooperação entre indivíduos, associações e instituições nacionais e estrangeiras que partilhem objectivos idênticos aos da Associação e desta forma estabelecer redes de comunicação que sejam a origem de futuras colaborações.

Serão preocupações desta associação a defesa dos direitos humanos e minorias étnicas e sociais, o estudo de culturas e tradições dessas mesmas minorias com uma componente interventiva de solidariedade.

⁶ Retirado do *website* da companhia Allatantou



Anexo III - Orquestra Juvenil da Bonjóia ⁷

A Orquestra Juvenil da Bonjóia foi criada, em 2011, pelo Município do Porto, através da Fundação para o Desenvolvimento Social do Porto, FP, em parceria com o Curso de Música Silva Monteiro, resultante do trabalho desenvolvido no âmbito do Projeto "Música para Todos", projeto que promove a aprendizagem da música a alunos do Ensino Básico integrados no sistema do ensino articulado, com vista a colmatar o insucesso e o abandono escolar, apontados pelo Diagnóstico Social do Porto como um dos eixos de intervenção prioritária.

A Orquestra Juvenil da Bonjóia tem como objetivo promover o trabalho desenvolvido por todos os alunos participantes no projeto "Música para Todos", dando visibilidade ao processo de aprendizagem e projetando os seus resultados através de apresentações públicas com impacto na comunidade.

Formam a Orquestra cerca de 150 crianças, entre os 7 e os 16 anos de idade, provenientes do Projeto "Música para Todos" e de outras escolas, públicas e privadas, da cidade do Porto. A estrutura da Orquestra é composta por Violinos, violas, violoncelos, flautas transversais, saxofones, clarinetes, trompetes e piano.

A filosofia destes projetos passa pelo envolvimento de parceiros locais que, ao apadrinhar cada uma das crianças e jovens, garantem as condições necessárias à aprendizagem da música. Atualmente o Banco BPI, a Bial, a Fundação Manuel António da Mota e a Fundação AXA - Corações em Ação apadrinham o projeto.

Desde a sua formação, a Orquestra Juvenil da Bonjóia já se apresentou em público diversas vezes, em locais como o Rivoli Teatro Municipal (Concerto de Páscoa e Concerts4Good), Assembleia da República (Tributo a Nelson Mandela), Paços do Concelho do Porto (Dia da Europa e Cerimónia de tomada de posse do Dr. Rui Moreira), Fundação Dr. António Cupertino de Miranda (Dia Internacional dos Museus), Fundação Eng. António de Almeida, entre outros.

Constam do repertório das apresentações em público temas como: Star Wars - Main theme, Adágio em Sol menor- T. Albinoni, New York, New York, Missão Impossível - Lalo Schifrin, Piratas das Caraíbas - Klaus Badelt, Dobru noch ma mila - Musica tradicional Eslava, Chariots of fire - Vangelis, Summertime - George Gershwin, Golums Song - The lord of the rings.

Este é um exemplo, bem concebido, em como um projeto pode cruzar a Educação, a Cultura e a Coesão Social, utilizando o ensino da Música como estratégia de apoio à integração de crianças e jovens.

⁷ Retirado do *site* Fundação Porto Social

Anexo IV – imagens do concerto



ILUSTRAÇÃO IV PERCUSSIONISTA COM INSTRUMENTO AFRICANO



ILUSTRAÇÃO IV DANÇA DA DIÁSPORA AFRICANA



ILUSTRAÇÃO VI ORQUESTRA JUVENILILUSTRAÇÃO VII ALLATANTOU DANCE COMPANY



ILUSTRAÇÃO VIII DUO XINGANJE ILUSTRAÇÃO IX MÁSCARA TRADICIONAL AFRICANA



Bibliografia

- http://www.musica.gulbenkian.pt/cgi-bin/wnp_db_dynamic_record.pl?dn=db_musica_bios_pt&sn=musica&orn=1437
<http://ppl.com.pt/pt/prj/classic-meets-africa>
https://pt.wikipedia.org/wiki/Di%C3%A1spora_africana
<http://www.copacabanarunners.net/cultura-africana.html>
<http://www.estudopratico.com.br/diaspora-africana-escravidao-e-a-populacao-negra-pelo-mundo/>
<https://cultura.revues.org/777>
<http://allatantouassociacao.webs.com/apps/links/>
<http://www.bonjoia.org/projetos>
PINTO, José Filipe “As Relações Europa-África: Perspectiva Diacrónica”, in *Revista Lusófona de Estudos Africanos*. Disponível em
<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/africanologia/article/view/1311/1066>



Bibliografia de imagens

Projeto *Classic meets Africa – Festival Internacional pelo Interculturalidade*:
<https://www.facebook.com/Classic-meets-Africa-1765331733688990/>

Motor de pesquisa de imagem *Google*:

<https://i.ytimg.com/vi/UB18fFH4wkI/hqdefault.jpg>

<https://i1.sndcdn.com/avatars-000182896534-xwu8b6-t500x500.jpg>